

A PERIODIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO SEGUNDO A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

¹Ludmily Santos Almeida, ²Jeniffer Rosário Meira, ³João Vitor Amaro Gomes.

¹Ludmily Santos Almeida, ludmilysantosalmeida@gmail.com, Cianorte – PR, ²Jeniffer Rosário Meira, jeniffer.meira22@gmail.com ³João Vitor Amaro Gomes ra125185@uem.br

INTRODUÇÃO

Palavras-chave: Apropriação Cultural. Aprendizagem. Psicologia Histórico-cultural.

A luz da teoria histórico-cultural (THC) ressalta-se a importância das apropriações culturais produzidas diante as mediações do sujeito-conhecimento-sujeito, desse modo, tais relações desencadeiam um processo ativo de aprendizagem, no qual precederá o desenvolvimento do psiquismo superior; funções tipicamente humanas como; atenção voluntária, memória, abstração, generalização, linguagem racional e pensamento teórico. Conforme a perspectiva teórica, o desenvolvimento do psicológico humano, é marcado por ascensões concomitantes e qualitativas, desse modo, Pasqualini (2013) aborda em seu texto que “[...] não se trata, portanto, de uma mudança de grau, do menos para o mais, mas de uma mudança de tipo, isto é, mudança na qualidade da relação entre a criança e o mundo”.

Numa concepção dialética que considera a historicidade, apenas quando postulamos essas mudanças é que podemos afirmar o desenvolvimento, assim o presente texto pretende abordar os elementos que compreendem a aprendizagem humana no que tange a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural e seus teóricos, contribuindo na medida em que postula o profissional docente como mediador das transformações do psiquismo infantil.

O desenvolvimento humano ocorre posterior a determinada aprendizagem, tal experiência pode ser determinada através de relações sociais como o meio cultural e sujeitos dominantes da ciência concreta e imaterial. Portanto, compreende-se que o desenvolvimento psíquico não ocorre isoladamente de maneira natural, mas sim de determinações sociais. Vygotsky (1984) complementa que as relações interpessoais, ou seja,

a interação social, contribuem para uma internalização de conceitos e aprendizagem, assim chamado de intrapessoal. Da mesma forma, Silva (2022) defende a ideia de Leontiev.

(...) o ser humano entra em contato com os fenômenos do mundo através de outros homens que já se apropriaram dos objetos materiais e intelectuais, bem como dominaram ações e operações com os mediadores culturais, pois, somente por meio desse conhecimento previamente adquirido, é possível auxiliar a criança e o adulto em seu aprendizado. (SILVA, 2022 apud LEONTIEV, 1978, p. 319)

Conforme o exposto, a presente pesquisa afirma que o desenvolvimento não pode ser explicitado por leis naturais e globais “O elemento decisivo para explicar o desenvolvimento psíquico infantil é a relação criança-sociedade” (Pasqualini, 2013). Portanto, a cada estágio psíquico alcançado o ser humano se relaciona de uma determinada forma com as relações concretas estabelecidas na sociedade, suas condições de vida, educação e posição social determinam seu desenvolvimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

MEDIAÇÃO: ATIVIDADE DOMINANTE.

A mediação deve ser entendida como intervenção de um terceiro elemento em promoção de uma compreensão de sistemas gerais de signos, sendo assim, esta interação constrói percepções socioculturais com o mundo. Contemplando a mesma ideia o processo de desenvolvimento do psiquismo infantil é marcado por uma categoria de atividade, ou seja, uma relação ativa com o mundo, assim, ao analisar a atividade da criança constatará a aquisição de novas habilidades, a autora Pasqualini, (2013), define que “[...] A atividade é então o elo que liga o sujeito ao mundo. Na psicologia histórico-cultural, podemos dizer que a atividade constitui a categoria nodal para a explicação do psiquismo”.

A atividade dominante organiza e forma novos processos psíquicos através da aprendizagem, como demarcado no texto de Pasqualini, (2013), “[...] É justamente a mudança de atividade dominante ou atividade-guia que marca a transição a um novo período do desenvolvimento”.

OS PERÍODOS DO DESENVOLVIMENTO

São necessárias algumas considerações basilares para compreender determinados períodos do desenvolvimento. O teórico Daniil B. Elkonin definiu o progresso cognitivo em três partes, iniciado pela primeira infância, seguido da infância e prosseguido pela adolescência, ele ainda destaca que cada uma destas fases é constituída por dois períodos, sendo, a primeira infância vinculada ao primeiro ano de vida do indivíduo, a infância propriamente dita, definida pela idade pré-escolar e idade escolar e a adolescência. Segundo texto de Pasqualini, (2013, p. 80) essa “[...] configuração das épocas constituídas por dois períodos não é aleatória, mas busca captar a lógica interna do processo de desenvolvimento”.

A partir das esferas do período desenvolvnte que coexistem, haverá fases cognitiva emocional e a intelectual-cognitiva, sendo assim, determinadas fases do desenvolvimento se relacionam majoritariamente com a afetividade, outrora, relaciona-se com objeto social.

O primeiro estágio é o da comunicação emocional direta, assim ao nascer uma criança requer uma necessidade de atenção e cuidado por parte dos adultos; em função da insuficiência dos mecanismos de adaptação do organismo ao nascer, a satisfação de suas necessidades está na total dependência destes. Inicialmente o bebê é incapaz de estabelecer comunicação com o adulto, manifestando desconforto de forma desorganizada, expressando através do choro, gritos e gestos.

Mediante as ações destes, o neném toma progressivamente parte de uma atividade de comunicação com o adulto. As ações do mais experiente introduzem a criança em uma esfera de novas interrelações, no qual se transforma em sujeito de uma relação, se essas condições forem garantidas se formará no bebê a atividade de comunicação emocional direta com o adulto, pelo complexo de animação, que é o conjunto de ações do bebê com a presença do adulto cuidador (exclamação, excitação motora e sorrisos), representando a conquista dessa comunicação, que é a premissa da atividade social humana, no texto de Pasqualini, (2013, p. 82) aborda que não “[...] se trata de uma mera reação ao adulto, mas de uma ação complexa dirigida ao outro”.

O segundo estágio é o da atividade objetal-manipulatória, a criança adentra a primeira infância no período dos dois aos três anos de idade, o que caracteriza a situação social do desenvolvimento é preponderantemente as esferas das possibilidades operacionais, isto é, técnicas da criança. O questionamento é a assimilação dos modos socialmente elaborados de ações com os objetos, por meio da atividade objetal-manipulatória a criança se apropria da função social dos objetos e dos seus significados., no texto a autora Pasqualini, (2013, p. 84,

85) defende que “a percepção da criança vai sendo reorganizada, convertendo-se em percepção generalizada do mundo”.

O papel de mediação do adulto, ou da criança mais experiente, é fundamental, pois, não basta disponibilizar os objetos à criança para livre exploração e descoberta, é preciso mediar este processo de apropriação, transmitindo os modos sociais de ação com os instrumentos corporais.

O terceiro estágio é o da idade pré-escolar, caracterizado pelo brincar de faz de conta, que é frequentemente pensado como algo natural da criança, como uma expressão de sua suposta natureza imaginativa. No entanto, o brincar é uma atividade que, por sua própria estrutura e finalidade, demanda a criação da situação imaginária pela criança, emergindo como resultado de uma contradição que se apresenta na criança na transição da idade pré escolar, por um lado a criança experimenta a necessidade em fazer as atividades desenvolvidas pelo adulto, mas seus limites operacionais impossibilitam a execução dos procedimentos exigidos pelas ações, essa contradição, portanto, só pode ser solucionada pela brincadeira, como exemplo, se a criança quer cozinhar e não pode utilizar o mesmo fogão que a mãe, faz o próprio no seu brincar, isto caracteriza o foco da atividade lúdica, pois não é o resultado (cozinhar algo) mas o processo implícito ali.

Ao apropriar-se dos sentidos sociais, das atividades produzidas humanas, a criança internaliza padrões sociais que formarão bases para sua própria conduta. Segundo, a partir do texto de Pasqualini, (2013, p. 89) “[...] a atividade lúdica põe em funcionamento toda uma complexidade de funções psíquicas. E é justamente assim que as funções se desenvolvem: quando são demandadas pela atividade”, por isto o papel do professor é não só ampliar o conhecimento de mundo da criança fornecendo a matéria prima para o faz de conta, mas enriquecer a atividade lúdica, e promover sua complexificação.

O quarto estágio é o da idade escolar, marcado pelo movimento entre o desejo de fazer o que o adulto faz, para saber o que o adulto sabe, do ponto de vista psíquico, podemos dizer que é justamente este o motivo da atividade de estudo, pois esta atividade é estruturada e orientada para a assimilação do conhecimento. De acordo com a autora Pasqualini, (2013, p. 91) a “centralidade está no mundo das pessoas, na relação criança-adulto social, ou seja, na esfera das necessidades”, gerando algum tipo de produto, como o desenho, a pintura, a modelagem, a construção, entre outros.

É por meio delas que se cria a possibilidade de que a criança, proponha-se a aprender algo que não saiba, e assim desenvolva a capacidade de estabelecer fins para as suas ações, isto não emergirá espontaneamente na criança, mas como resultado da mediação do adulto

neste processo. Ao final do período pré-escolar, a atividade de estudo surge como linha acessória que em si baseia as atividades, em que a criança se esforçará, por saber o que o adulto sabe.

O estágio da comunicação íntima pessoal, à luz da Psicologia Histórico-cultural, representa uma atividade essencial e indispensável para o desenvolvimento psíquico ao longo da adolescência. O texto de Abrantes e, Eidt (2019, p. 29) destacam que “na comunicação íntima pessoal inicia-se o processo de formação da autoconsciência como “consciência social” incorporada no Interior da pessoa.” Este estágio deve ser influenciado pelas relações de convivência humanas em contextos sociais específicos, favorecendo a construção de uma interação profunda baseada na confiança, respeito mútuo e reflexão crítica. Esse tipo de comunicação não ocorre de maneira independente, ela é elaborada e transformada através de práticas sociais e dos sistemas de atividades com os quais os indivíduos se relacionam.

Nessa circunstância, a comunicação íntima pessoal age como um espaço de análise crítica, por meio do qual onde os adolescentes começam a compreender normas sociais e culturais. A interação entre seus colegas e adultos possibilita o desenvolvimento do pensamento reflexivo e ético, seja por meio do estudo, lazer ou outras atividades sociais. Essas experiências são importantes futuramente para a transição para a vida adulta, configurando-se como um processo de desenvolvimento da autoconsciência e da autonomia. Simultaneamente, a comunicação íntima é influenciada por contradições sociais e históricas, essas contradições incentivam os indivíduos a refletirem sobre sua posição no mundo e nas estruturas sociais, ocasionando tanto em crises quanto progressos fundamentais no desenvolvimento psicológico.

O estágio da atividade profissional de estudo é a vinculação com os objetos sociais da realidade e o modo socialmente desenvolvido de ação com os objetos, tomando-se como desafio compreender os sistemas de ação envolvidos nas soluções de problemas concretos do processo de trabalho, permitindo a formação das capacidades operacionais e técnicas implicadas com a dimensão cognoscitiva. , o texto de Abrantes e, Eidt (2019, p.29), abordam que a articulação para “a apropriação de saberes a relação com o trabalho realizando-se na prática.”. Desta forma, a relação com produção transforma-se em meio de apropriação de saberes elaborados de modo a vislumbrar tanto a superação do verbalismo pseudoteórico, quanto o praticismo esvaziado de teoria.

A tomada de consciência sobre os problemas sociais e históricos encaminha o desenvolvimento para a última e superior transformação no adolescente que é a formação da autoconsciência, na qual o sujeito se compreende no complexo sistema de relações sociais,

tomando para si os desafios da luta pela liberdade e da intencionalidade na conduta. Essa compreensão de si no mundo encontra suas bases na existência relacional do ser humano, ou seja, nas relações sociais concretas. A ação é elemento fundamental para a formação da autoconsciência da pessoa e se transforma em realização que ocorre a partir da contradição entre consciência social e consciência pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos os apontamentos sobre a periodização do desenvolvimento psíquico com a afirmação de que o período desenvolvente não é produzido de forma espontânea, mas sim resultado das atividades psíquicas da criança em cada um deles, na medida em que esta se apropria das relações, e modos sociais que complexificarão sua atividade.

Por isto, o trabalho do docente é de extrema importância, ao propiciar vivências, experiências e oportunidades de socialização que auxiliem a criança ao apropriar-se de conceitos culturais historicamente produzidos. A psicologia histórico-cultural contribui teoricamente, e atribui essa função ao professor, valorizando e responsabilizando a atuação deles para a educação dos sujeitos.

Destaca-se que cada estágio atingido depende das habilidades alcançadas pela atividade guia anterior, não bastando apenas conhecer os estágios de desenvolvimento e o período que se encontra a criança, mas compreender todo o processo psíquico é que potencializa a ação pedagógica, propondo no cotidiano escolar, desafios que estimulem o processo desenvolvente. Assim, Pasqualini confere que cabe (2013, p. 96) “[...] ao professor atentar para o que está sendo gestado como possibilidade de transformação ao psiquismo e o que está se esgotando como fonte de desenvolvimento”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PASQUALINI, Juliana Campregher. **Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas.** In: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (Org.). *Infância e pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 72-96.



XVI FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: SABERES E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

27 a 30 de maio 2026 - Sertão Central - Quixadá - CE.

SILVA, Ana Maria da Conceição et al. **O processo de aprendizagem do (a) aluno (a) com transtorno do espectro do autismo (TEA).** Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP